



Editorial

Prezados leitores, prezadas leitoras,

A partir do presente número, o fundador e editor de ECO-REBEL passa a tarefa ao professor Ronaldo Manguiera Lima Júnior, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB, permanecendo como editor honorário pelo menos enquanto durar a transição para a nova equipe.

Este número contém duas contribuições internacionais. A primeira é “*Creating environmental education materials for language learning: Ten tips*”, de George M. Jacobs, Ingrid A. Gavilan Tatin & Aditya A. Soeta Bangsa. Os autores discutem pormenorizadamente dez dicas para a criação de material didático na área de educação ambiental, propondo exemplos positivos para a valorização de ações individuais e coletivas quando de forma integrada, inclusive utilizando a Teoria das Inteligências Múltiplas.

O segundo artigo é de autoria da ecolinguista chinesa Tan Xiaochun e o também ecolinguista brasileiro Davi Albuquerque e se intitula “*When Ecolinguistics meets Corpus Linguistics: A corpus-assisted ecolinguistic study of China’s ecological civilization discourse (ECD)*”. No contexto da Análise do Discurso Ecológica chinesa, os autores usam a metodologia da Linguística de Corpus para discutir o discurso de civilização ecológica encontrado defendido inclusive por Xi Jin Ping. Os autores defendem a ideia de que esse discurso não deveria ser apenas discurso, mas se aplicar a ações práticas, o que nem sempre é o caso.

O texto número 3, “O tópos da colmeia: Uma leitura filológica e ecolinguística de exemplos medievais e renascentistas”, de Leonardo Ferreira Kaltner & Melyssa Cardozo

Silva dos Santos, é um erudito estudo crítico-interpretativo sobre a colmeia como metáfora das sociedades humanas que vem desde a Antiguidade Clássica, passa pela Idade Média e chega à Idade Moderna. Na interpretação fazem uso também da encíclica papal de 2015 *Laudato Si'*.

O quarto texto é de autoria de Gabriel Ferreira Barros & Thiago Costa Chacon, intitulado “Termos e usos de plantas silvestres entre os kúbeo no Alto Rio Negro: Uma análise morfológica e etnobotânica”. É uma pena que os autores desconheçam o que já existe sobre etnobotânica no contexto da ecolinguística brasileira, que tem discutido amplamente o fato de grupos étnicos nomearem tudo que existe em seu meio ambiente (não apenas botânico) a fim não só de se comunicarem sobre eles mas também, é claro, sobreviverem.

O quinto artigo, “A cosmologia sintrópica: o que aprendi com Charles S. Peirce sobre a agricultura sintrópica de Ernst Götsch”, de Marcelo Moreira dos Santos, combina conceitos semiótico-filosóficos de Charles Sanders Peirce com a visão da complexidade ecológica de Edgar Morin, entre outros, a fim de discutir a agricultura sintrópica proposta por Ernst Götsch.

Por fim vem o sexto texto “Ecolinguística: possíveis conexões, caminhos e perspectivas”, de Erick Samuel Silva Thomas & Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto. Os autores discutem as semelhanças existentes entre a Ecolinguística (e a linguística ecossistêmica) e o que chamam de Análise Linguística Enunciativa no ensino-aprendizagem. Demonstram que ambas propostas veem a língua como interação, portanto algo dinâmico que faz parte da vida da comunidade.

O próximo número de ECO-REBEL – n. 11, n. 2, 2025 – conterà uma seleção de textos apresentados no VI Encontro Brasileiro de Ecolinguística, realizado de forma remota (online) em 7 e 8 de novembro de 2024, patrocinado pela Universidade de Brasília. Boa leitura a todos e a todas e até o próximo volume!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 11, n. 1, 2025.